Valor Econômico
Publicado em 19/10/2023 - 05:58

Incerteza no Oriente Médio pressiona preço do petróleo

Commodities Preço do barril de Brent subiu 9% desde o início do conflito entre Israel e o Hamas; alta reflete temor de que tensão se espalhe

Risco de guerra ampliada pressiona cotações de petróleo

Eduardo Magossi
De São Paulo

Temores de um recrudescimento do conflito entre Israel e o Hamas fizeram os preços do petróleo voltar a subir ontem, depois que a explosão de um hospital em Gaza deixou centenas de mortos e acendeu a luz vermelha em relação ao receio de uma expansão das hostilidades para outros países, produtores de petróleo da região. Desde o início do conflito, o petróleo Brent, a referência global da commodity, já subiu 9%.

Depois do episódio no hospital, o Ministério das Relações Exteriores do Irã — conhecido aliado do grupo terrorista Hamas — pediu embargo total e sanções à oferta de petróleo a Israel por parte dos países islâmicos, abrindo as portas para uma potencial extensão do conflito e elevando ainda mais as tensões nos mercados. No fim do dia, o barril do petróleo WTI, referência americana, com entrega prevista para dezembro fechou em alta de 2,14%, a US$ 87,27. O barril do Brent para o mesmo mês avançou 1,78%, a US$ 91,50.

"Os preços do petróleo estão respondendo aos comentários agressivos do Irã e outros depois do ataque ao hospital em Gaza, que eleva o potencial de uma possível perda de oferta do combustível por alguns exportadores", comentou Michael Lynch, presidente da Strategic Energy & Economic Research. Suporte veio também de uma inesperada queda nos estoques oficiais de petróleo nos EUA de 4,5 milhões de barris, o que contribuiu para o nervosismo em relação à guerra.

Para Kiran Kowshik, estrategista de câmbio global da Lombard Odier, o conflito fez com que as fortes perdas do petróleo registradas no início de outubro, provocadas pelo sentimento de que a demanda americana estava caindo, ficassem para trás. "A forte queda de preços vista no início de outubro acabou porque a demanda segue robusta e até o momento não existe problema na oferta. Esperávamos que os preços se recuperassem gradualmente, mas o conflito entre Israel e Hamas os trouxe de volta para os US$ 90 por barril em uma semana", disse em relatório enviado a clientes.

O estrategista reiterou que, embora reconheça a incerteza do cenário, até o momento não houve impacto na oferta, o que deve acontecer apenas se o conflito aumentar. "Isso aumentaria o déficit moderado previsto para o quarto trimestre. A expectativa é que o Brent seja negociado em torno de US$ 90 pelo restante do ano com uma probabilidade de preços maiores se a tensão geopolítica aumentar." Além dos preços de petróleo, uma escalada no conflito e a interrupção na oferta poderiam fortalecer mais o dólar. "Mas esse não é nosso cenário-base."

> "Os preços estão subindo não por conta da interrupção da oferta, mas pelo potencial de isso ocorrer"
> *Edward Gardner*

"O petróleo é o elo que pode transformar esse conflito militar regional em um desafio econômico global", afirmou Norbert Rücker, economista-chefe do banco suíço Julius Baer. Segundo ele, contudo, geopolítica costuma ser um ruído que não tem implicações fundamentais duradouras. Com a situação ainda em andamento, Rücker traçou três cenários para a crise: na primeira, o conflito se espalha, outros países se envolvem diretamente e a oferta de petróleo é interrompida. Os preços saltam para US$ 150 o barril, a inflação retorna e a economia entra em colapso. Para ele, essa hipótese tem menos de 5% de probabilidade.

Em um segundo cenário, com 65% de probabilidade, o conflito permanece focado em Israel, que restabelece relações com a Palestina. Os efeitos são mínimos, a incerteza desaparece e os preços do petróleo voltam a cair em algumas semanas. Com 30% de chances, o terceiro cenário aponta um direcionamento do conflito para o Líbano e a Síria, provocando a paralisação da normalização das relações entre Israel e Arábia Saudita e maiores sanções contra o Irã. Nesse caso, a oferta poderia ser afetada e os impactos poderiam durar mais, com os preços voltando ao normal apenas no fim do ano. O cenário-base do banco prevê que os preços voltem a cair em 2024.

Embora não tenham citado explicitamente o conflito em Israel em seus comentários, várias autoridades do Federal Reserve (Fed) têm reiterado nos últimos dias o risco de uma volta da inflação. Recentemente, o vice-presidente do conselho do Fed, Philip Jefferson, disse que um dos riscos atuais para a inflação voltar a subir é por meio de altas inesperadas nos preços de energia. Na semana passada, o presidente do Banco Mundial, Ajay Banga, destacou que o conflito em Israel é um choque econômico global que vai dificultar o trabalho dos bancos centrais em conseguir um "pouso suave" para suas economias. Ontem, o diretor do Fed Christopher Waller alertou para a possibilidade de que a desaceleração da inflação americana estacione. Segundo ele, a sequência de boas leituras de inflação "evaporou", o que pode levar a mais alta de juros ou a uma manutenção de juros elevados por mais tempo.

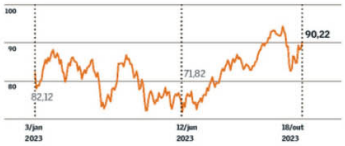
Por ora, o avanço das cotações do petróleo é bem mais contido que a alta de 18% ocorrida em igual período no início da guerra da Ucrânia. Diferentemente do que ocorreu na Ucrânia, "os preços do petróleo estão subindo não por conta da interrupção da oferta, mas pelo potencial de isso ocorrer", disse Edward Gardner, economista de commodities da Capital Economics.

Outra diferença é que, no conflito com a Rússia, os preços já partiram de um patamar mais alto. O barril do Brent chegou a US$ 133 em março do ano passado, poucas semanas depois do início da guerra no Leste Europeu.

Ao contrário dos investidores, que começam a colocar um prêmio geopolítico nos preços do petróleo, os economistas não acreditam que as hostilidades se espalhem pelo Oriente Médio.

"O conflito entre Israel e o Hamas não cria um risco para o fornecimento de petróleo porque nem Israel nem os territórios palestinos produzem petróleo. Entretanto, se o conflito se alastrar ou provocar paralisação das exportações regionais, os preços podem subir, e muito", afirmou Gardner, em comentário enviado por e-mail.

Escalada do petróleo
No ano, em US$/barril



Fonte: Dow Jones Newswires. Elaboração Valor Data

CADU GOMES / VPR

Prates: Envolvimento de mais países produtores no conflito poderia levar a uma "tempestade perfeita"

Com preços já defasados, Petrobras pode ter desafio

Kariny Leal, Fábio Couto e Renan Truffi
Do Rio e de Brasília

A guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas adicionou mais um elemento ao cenário complexo que o petróleo enfrenta nos últimos meses e colocou a Petrobras sob pressão para reajustar preços. Uma eventual escalada do conflito, com entrada de outros países, poderia elevar preços e de suprimento global da commodity e derivados, com *reflexos no mercado brasileiro*, avaliam especialistas ouvidos pelo **Valor**. O possível envolvimento do Irã, um produtor relevante, poderia levar as cotações a ultrapassar a barreira dos US$ 100.

Após a explosão no hospital al-Ahli, em Gaza, o mercado passou a temer que outros grupos, como o Hezbollah, e países como o Irã entrem diretamente na guerra. O país tem produção de petróleo de cerca de 3% da oferta global.

Para Edmar de Almeida, pesquisador e professor do Instituto de Energia da PUC-Rio, um eventual efeito nos preços seria percebido caso a guerra impedisse as exportações do próprio Irã ou de outros países do Golfo Pérsico. A opinião é semelhante à de Thiago Vetter, consultor de gerenciamento de risco da StoneX. "Depende da evolução do conflito. Se o Irã estiver envolvido, é factível o barril estar acima dos US$ 100", afirma.

Almeida avalia que a Petrobras pode ter de reajustar preços caso o cenário de alta se concretize. "Certamente não teria como a Petrobras segurar os preços abaixo [da paridade internacional] por muito tempo", diz Almeida.

O presidente da estatal, Jean Paul Prates, disse ontem que, "em princípio", a guerra não deve afetar mais o preço do petróleo e, consequentemente, dos combustíveis. Ele admitiu, no entanto, que se o conflito se alastrar pelo Oriente Médio, envolvendo países produtores de petróleo, pode acontecer uma "tempestade perfeita".

Prates falou à imprensa após se reunir com o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin. O encontro foi marcado para que Alckmin conhecesse o secretário-geral da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), Haitham al-Ghais.

Prates admitiu também que o envolvimento de países como o Egito e Irã na guerra seria especialmente ruim para o Brasil, que já está com um preço "alto" para os combustíveis. "[O preço do petróleo] já está afetado [pela guerra], né. Piorar mais [o conflito] é a tempestade perfeita porque a gente [Brasil] já está com preço alto", frisou. "O preço subiu [mais] com esse espasmo da questão de Israel. Isso deu-se durante dois ou três dias, depois voltou à estrutura de antes, mas ainda é estrutura de preço alto", acrescentou.

Apesar de admitir a preocupação com um possível espraiamento da guerra, Prates explicou que "não há indícios" de que isso vá realmente acontecer. "Pode se alastrar. Já tivemos um impacto inicial [no preço do petróleo], como acontece em toda guerra, e depois voltou mais ou menos para o preço que estava antes: US$ 91."

A StoneX estima uma defasagem de 12,3% nos preços do óleo diesel, o que corresponderia a um reajuste de R$ 0,47 por litro. Esse quadro, explica Vetter, se dá também por fatores como baixos estoques de diesel no mercado americano e dados mais positivos da economia chinesa. No caso da gasolina, porém, o cenário abre espaço para uma queda de 3,6%, ou R$ 0,10 por litro, frente a um quadro de maior competitividade do etanol hidratado no Brasil.

As ações preferenciais da Petrobras subiram 14,9%, para R$ 38,52, desde 6 de outubro,

> "Principal risco é ter algum tipo de aumento ou aperto de sanções contra o Irã, e esse não é o cenário base"
> *Julia Passabom*

véspera do ataque do Hamas que deflagrou a guerra.

Para o analista de energia e macroeconomia da empresa de inteligência de mercado Hedgepoint Global Markets, Victor Arduin, complexidade é a palavra que define o cenário do petróleo no momento. Ele lembra que a Opep+ já vinha reduzindo a produção de petróleo, com o objetivo de estabilizar os preços que se encontravam em queda. Além disso, a Rússia havia determinado a suspensão das exportações de óleo e derivados para atender à demanda interna.

Segundo Julia Passabom, economista do Itaú BBA, existe um prêmio geopolítico embutido na cotação do petróleo que deve ser considerado nas oscilações desde quando iniciou a guerra entre Israel e Hamas. "O principal risco relacionado ao conflito é ter algum tipo de aumento ou aperto de sanções contra o Irã ou um envolvimento do Irã no conflito, e esse não é o cenário-base. O balanço entre oferta e demanda da commodity está controlado."

A projeção do Itaú para o fim do ano, de que o Brent se mantenha em US$ 90, não foi alterada.

Pedro Rodrigues, sócio do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), define o cenário como volátil, com cotações reagindo ao sabor dos acontecimentos, o que dificulta uma estimativa para os próximos dias. Para o especialista, a Petrobras deve aguardar uma consolidação do cenário antes de definir um reajuste nos preços dos combustíveis: "É correta a espera nesse momento de volatilidade."

Conforme a Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), a defasagem do preço do diesel da Petrobras em relação à paridade de importação estava em média 15%, ou R$ 0,65 por litro. Na gasolina, a defasagem estimada é de 2%, R$ 0,05 por litro.

Para Luiz Carvalho, analista do UBS BB, a alta de ontem se deu pela cautela sobre a visita do presidente americano Joe Biden a Israel. Segundo ele, ainda não há relação concreta do Irã com a guerra, o que afasta uma reação sustentada das cotações. Para o analista, a Petrobras já deveria ter elevado o preço do diesel, dada a defasagem.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.